

---

```
caminho = input("Insira o  
caminho para História  
Digital:")
```

Conferência de abertura

Eric Brasil

17 de outubro de 2023

## historia\_digital.py

Quando estamos programando, é comum precisarmos passar o caminho de um arquivo para o programa que estamos criando. Se quisermos ler uma fonte, abrir uma imagem, analisar dados de uma planilha ou fazer o download de um pdf para uma pasta específica, temos que informar ao computador qual o seu caminho.

Ele necessariamente deve ser preciso: explícito e completo, desde sua pasta raiz até o nome do arquivo com sua respectiva extensão.

Por exemplo, para ler um arquivo Python (.py) chamado historia\_digital, eu passaria o seguinte comando com Python em execução:

```
1 >>> open('historia_digital.py', 'r').read()
```

O retorno seria o conteúdo do arquivo `historia_digital.py` impresso em minha tela.

Porém, caso o caminho para esse arquivo não esteja correto, o comando não terá sucesso e um receberemos um aviso de erro.

Mas calma, essa conferência não vai ser um tutorial de Python, não precisam se desesperar! É apenas o bom e velho recurso à metáfora para iniciar a fala.

Pretendo, hoje fazer uma reflexão coletiva com vocês sobre aspectos, que na minha avaliação, são urgentes para nossa disciplina: a construção metodológica de pesquisas com dados e ferramentas digitais e sua relação com a construção do conhecimento histórico e o próprio caráter científico da disciplina.

Para isso, farei um breve histórico do uso da computação na pesquisa histórica, antes e depois do termo História Digital; apontarei questões gerais envolvendo as práticas de pesquisa atuais, com o exemplo da hemeroteca digital brasileira e como seus aspectos técnicos e vieses de seu acervo impactam epistemologicamente na História; e por fim refletir sobre demandas e caminhos possíveis e necessários.

Mas antes, justificando minhas escolhas para hoje, voltemos à metáfora.

### Arquivo ou pasta não existe: 'historia\_digital.py'

Ao executar o comando anterior, recebi o seguinte erro:

```
1 >>> FileNotFoundError: [Errno 2] No such file or directory:
```

```
2 'historia_digital.py'
```

O Python não foi capaz de encontrar o arquivo. Portanto, não pode executar suas tarefas, pois o caminho que eu passei não aponta de forma exata para o local onde o arquivo está armazenado em meu computador. Imaginando que o mesmo estivesse salvo na pasta [USP](#) que por sua vez está armazenada na pasta [Documentos](#), o caminho correto desse arquivo seria: `~/Documentos/USP/historia_digital.py`. Agora o python será capaz de encontrá-lo e executar as tarefas desejadas.

```
1 >>> open('~Documentos/USP/historia_digital.py', 'r').read()  
2 >>> 'print("Olá, História Digital!")'
```

E o que isso tem a ver conosco?

Assim como no exemplo do python, nossas pesquisas, cada vez mais mediadas, viabilizadas e mesmo engendradas por ferramentas, métodos e dados digitais, demandam precisão metodológica mais cuidadosa e desta precisão, e do seu respectivo registro, depende a própria possibilidade de execução da pesquisa.

Em outras palavras, o desenvolvimento e aplicação de metodologias documentadas e precisas são fundamentais para a produção do conhecimento. Isso parece óbvio, porém o que percebemos, e nisso eu me incluo e imagino que falo pela maioria de nós, é que as pesquisas mediadas e baseadas em dados digitais têm, no melhor dos cenários, apenas emulado padrões metodológicos analógicos sobre um universo de recursos digitais que gera resultados comumente inverificáveis, não-reproduzíveis, e dificilmente escrutináveis.

Uma pesquisa que se utiliza de buscas digitais em repositórios, como a HDB, não pode prescindir do registro detalhado dos parâmetros utilizados e da publicização tanto das escolhas feitas como dos resultados obtidos. Caso contrário, o conhecimento histórico produzido estará sempre subordinado aos vieses e direcionamentos de conjuntos de decisões técnicas e políticas que forma as páginas de buscas que utilizamos.

Como numa linguagem de programação, sem o registro preciso do caminho que leva desde a raiz até o arquivo final, nossa pesquisa em História está sujeita ao constante [erro](#) do caminho não encontrado.

## Quais caminhos até chegar aqui?

Há um emaranhado de caminhos trilhados e outros tantos abandonados para eu chegar aqui, sentado nessa mesa tão importante, usando um blazer pra fingir que eu sou sério. Caminhos da própria relação entre história e o digital, entre nosso fazer historiográfico e a computação, mas também dos meus caminhos pessoais.

Mais do que uma *ego-história* ou a realização da ilusão biográfica, alertada por Bourdieu, vou falar brevemente dessa trajetória individual, pois possibilita refletir sobre mudanças que de alguma forma afetam a todos e todas.

## Meus caminhos pessoais: do analógico ao digital à programação

[colar trecho da entrevista para Rita]

## Breve história do uso da computação na História: de Busa ao Programming historian

[colar trecho da entrevista para Rita]

## História Digital existe? (Comunidade de práticas? Virada laboratorial?)

- Destacar a crítica do Tiago Gil
- Pensar no conceito de comunidade de práticas
- Avançar com a ideia de *Digital Hermeneutics*<sup>1</sup>
- Humano antes do digital

## A técnica afetando a epistemologia

- A mediação das plataformas e motores de busca
- Um caso emblemático: a HDB, seus vieses e potencialidades

---

<sup>1</sup>Fickers, Andreas, e Frédéric Clavert. "On Pyramids, Prisms, and Scalable Reading". *Journal of Digital History*, nº jdh001 (18 de outubro de 2021). <https://doi.org/10.1515/JDH-2021-1008?locatt=label:JDHFULL>. Fickers, Andreas, e Juliane Tatarinov, orgs. **Digital History and Hermeneutics: Between Theory and Practice**. De Gruyter, 2022. <https://doi.org/10.1515/9783110723991>.

## **Afinal, como pesquisamos e o que demandamos?**

- Caso dos docentes das IES da Bahia

## **Futuro e presente**

- Formação técnica
- Reflexões epistemológicas
- Colaboração, transparência, ciência aberta
- Financiamento, políticas públicas